

## **A MITOLOGIA AFRICANA COMO ESTRATÉGIA PARA A EXPANSÃO E DIFUSÃO DAS SUBJETIVIDADES CULTURAIS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE FILOSOFIA<sup>1</sup>**

Suyvia Marcele Leal Nóbrega Morais Pinheiro<sup>2</sup>

Valmir Pereira<sup>3</sup>

Lúcia de Cássia da Silva Fonseca<sup>4</sup>

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho propõe a leitura de *itans* nas escolas, com o objetivo de auxiliar na desconstrução de instituições com características essencialmente eurocêntricas. Essa característica não é exclusiva das instituições, e ela se fundamenta na formação da sociedade, privilegiando um grupo étnico e invisibilizando a contribuição de outros grupos que participaram na estruturação do Brasil. Com isso, podemos perceber o fenômeno do silenciamento da cultura negra e indígena, uma vez que a sociedade exaltou determinado grupo étnico, considerada modelo, e silenciando outras participações. Uma vez que a valoração está no pensamento branco europeu, todo o resto passa a ter um caráter inexistente na sociedade, e todos os outros pensamentos passam a ser inferiorizados, descartados, e com isso, toda a história de um povo, como a do povo negro e indígena, ganham um papel de atuação no esquecimento e na exclusão.

Esse tipo de silenciamento não deve ser colocado no contexto da normalidade, uma vez que a cultura negra deixou seu legado que vai desde a linguagem e danças, a culinárias, artes, religiosidades, entre outras. Com essa forte influência na cultura dominante europeia, temos uma herança cultural fortemente, de origem africana e indígena, mas subalternizada. Desta forma, essas culturas têm o direito de serem reconhecidas, faladas e discutidas, devido a sua contribuição nas relações sociais. Assim, para Munanga,

essas heranças constituem e memória coletiva do Brasil, uma memória plural e não mestiça ou unitária. Uma memória a ser cultivada e conservada por meio das memórias familiares e do sistema educacional, pois um povo sem memória é como um povo sem história. (2010, p.50).

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa contou com financiamento da CAPES

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [suyvia@hotmail.com](mailto:suyvia@hotmail.com);

<sup>3</sup> Coautor, Professor e orientador: Doutor, Universidade Estadual da Paraíba - PB, [provalmir@gmail.com](mailto:provalmir@gmail.com)

<sup>4</sup> Coautora Graduanda do Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, [fonseca.kas23@gmail.com](mailto:fonseca.kas23@gmail.com).

Para enfrentar essa barreira eurocêntrica que nos domina, e nos impede de enxergar outras culturas, outras contribuições para nossa formação social, é preciso trazer essas culturas silenciadas para que possamos discutir, compartilhar e mostrar a existência, e é certo que as escolas como um meio social, responsáveis pela organização, transmissão e difusão dos conhecimentos, se potencialize para a realização de leituras mitológicas, proporcionando os primeiros contatos com a cultura afrodescendente. Partindo da lei 10.639/03, podemos pensar na possibilidade de usar a mitologia dos orixás, para fazer a reaproximação e expansão dos conhecimentos predominantemente europeus, que baseados em valores cristãos e a favor da supremacia branca, ignorou todas as outras existências.

Nos encontramos na responsabilidade de resgatar essas identidades apagadas, através dos meios viáveis e disponíveis ao nosso alcance. Não é só o esquecimento que se torna um problema quando falamos de culturas perdidas, quando se exalta apenas uma etnia como civilizada e modelo para as outras, as demais culturas passam a ser vistas como um modelo diferente e incivilizado.

E é nesse contexto que começa a surgir a desigualdade que desemboca no preconceito, no racismo e na exclusão das outras partes que não se assemelham ao modelo dominante. A respeito do que foi dito, afirma Silva (2011):

[...] a dimensão da nossa responsabilidade [...] para com o combate ao racismo, sem dúvida alguma, é demarcada pelos sofrimentos impingidos aos negros [...], em todo o âmbito da sociedade, inclusive nos estabelecimentos de ensino [...] assim como é marcada pela urgência e pertinência da implantação de políticas reparatórias e de ações afirmativas (SILVA, 2011, p. 121).

A problemática do racismo e da desigualdade étnico-raciais nos acompanha desde a colonização até os dias atuais, devido a falta de reconhecimento e formação da identidade do povo brasileiro, que negou a contribuição e dificultou o esclarecimento sobre as diversidades raciais. Desde os primórdios, a educação é voltada para a imposição do pensamento e cultura europeia, menosprezando a influência da cultura indígena e africana. E quando se tem uma abordagem dessas culturas, elas acabam sendo vistas de forma folclórica e incivilizada. E isso contribui ainda mais para a essencialização da cultura europeia, pondo o negro e o índio como sujeitos não participantes da história.

O legado africano é tão resistente, que independente de toda tentativa, não se conseguiu apagar sua influência em nossa cultura nacional. Nessa relação multicultural, encontram-se as religiões afrobrasileiras, como o candomblé e a umbanda, que surgiram como forma de resistência pacífica a imposição religiosa dos colonizadores, como percebemos no sincretismo da umbanda, associando as deidades africanas aos santos católicos para poderem cultuá-los, pois o povo escravizado não tinha o direito de realizarem seus cultos, sendo catequizados no tronco, caso negassem aceitar seguir a religião dominante. Com isso, toda a tradição religiosa afrodescendente, é repassada dos mais velhos para os mais novos de forma oral com os seus segredos e ensinamentos, que mesmo com a tradição oral, ainda foi possível manter boa parte dos ensinamentos para realização dos cultos. Nesse processo oral, contam-se também as histórias dos orixás, também chamado de *itan* em Iorubá, que é basicamente o conjunto de histórias dos tempos imemoriais. Diz uma frase do livro *itan dos mais velhos*, de Ruy do Carmo Póvoas, Os mitos, as lendas, os contos populares, sempre foram vias de acesso ao inconsciente de um povo. (Muniz Sodré).

É por essa via de pensamento do Sodré, que os *itans* podem alcançar um resultado de desconstrução, de conhecimento, e se possível, reconhecimento das culturas africanas, sendo trazidas ao conhecimento da população, que devido a toda sua construção eurocêntrica, ignoram, excluem e rejeitam todo o conhecimento ancestral africano. E pela via do inconsciente, podemos tocar o imaginário das pessoas e introduzir conhecimentos mitológicos de diversas culturas.

## **METODOLOGIA**

A princípio, a ideia de leitura de *itans* nas escolas, foi desenvolvida a partir da observação e reflexão dos fenômenos comportamentais nas instituições, quando se tratava de abordar temas voltados a cultura africana. Foi possível perceber em palestras, eletivas e aulas, que determinados grupos de alunos, quando se depararam com temas como: racismo religioso, culturas afrodescendentes, candomblé, umbanda e etc., determinados grupos se negavam a participar, ou procurar ouvir sobre. Com essas atitudes se detecta a resistência, o racismo e preconceito acerca desses temas que carregam uma realidade além da conhecida. Mas no que toca a mitologias, por não possuir um caráter “verdadeiro”, tal como “historinhas” que se conta para crianças dormirem, ou descontrair um momento ocioso, a mitologia, como diz Muniz Sodré, toca o inconsciente de um povo, e é nesse momento que

podemos chegar com histórias dos antepassados, dos orixás, que representam as forças da natureza na tradição africana, e fazer delas histórias encantadoras que proporcionam ao ouvinte, a ideia de relação homem e natureza, divindade e natureza. Não aquela divindade distante de nós, mas as divindades próximas a nós, a própria natureza de onde saciamos a nossa sede, tiramos nossas riquezas e alimentos, e nos relacionamos a todo tempo com ela. E não só essa relação, das divindades, mas nas riquezas das histórias, e formas de pensamentos que a cultura africana tem e nos influencia até hoje.

Os *itans* resgatam a relação do homem com a natureza, uma vez que o orixá representa a própria natureza. Não é difícil imaginar, que ao ler um *itan* para uma criança, e mostrar a relação das divindades africanas com a natureza, a criança perceba que por ser algo “da divindade”, ela respeite essa natureza, pelo seu caráter divino, e veja que mesmo sendo uma historinha, deve-se respeitar a natureza, a cultura e os pensamentos dos que a criaram, pois ela parte de algo mitológico e se transforma em algo real, o respeito, o cuidado com a natureza. E reconheçam que o pensamento africano é capaz de criar, influenciar e transformar em *Itans* seus conhecimentos ancestrais, e manter essa tradição oral viva até os dias de hoje. E para formar as bases dessa ideia, iniciei uma pesquisa bibliográfica, onde procurei compreender os fundamentos e relações étnico-raciais com a educação, e propor meios para minimizar as diferenças criadas pelo pensamento europeu.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As questões étnico-raciais nas instituições ainda é um desafio a ser superado, pois, mesmo com a lei que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas redes públicas e particulares da educação, há uma necessidade de adequação tanto das instituições, como dos professores, para reorganizarem o material didático e transmitirem os conteúdos com o intuito de combater a formação eurocêntrica, e expandir os conhecimentos multiculturais, movendo o preconceito e o racismo para um lugar de exclusão, e colocando em seu lugar, a inclusão, no papel principal e fundamental para o melhor desenvolvimento da sociedade, com mais conhecimento, tolerância e respeito à culturas mais antigas que a nossa, e que contribuíram e influenciaram na formação da nossa sociedade. Claro que para conseguirmos alcançar esses objetivos, é preciso também da contribuição dos movimentos sociais, até mesmo da população, para ampliar a compreensão dos fatos históricos, e mostrar a partir de outra ótica, não só a história que acreditamos até hoje sobre a “descoberta” de uma

terra já habitada , mas mostrar e falar também, sobre o desenvolvimento político, econômico e cultural que teve uma grande participação da mão de obra do povo negro, na terra a que deram o nome de Brasil. Com isso, conclui-se que toda “ferramenta” que contribua para minimizar as consequências causadas pela cultura europeia, são formas de promover uma educação justa e de qualidade social.

### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

MUNANGA, Kabengele. **Educação e diversidade cultural**. In: O negro na contemporaneidade e suas demandas. Cadernos PENESB 10/ Revista do Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira, n.10, RJ. Jan. de 2008/Junho de 2010.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Itan dos Mais Velhos**. Ilhéus-Bahia: Editus. 2ª edição, 2004.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Entre o Brasil e África: construindo conhecimento e militância**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.